

## **A verdade vestida de verde e amarelo**

A saia envelope verde musgo e a echarpe amarela, que ficavam na sala da OAB, foram-lhe entregues pelo segurança na porta. Não poderia entrar no prédio daquele jeito. Aninha seria testemunha da sua amiga Raquel, e estava trajando um shorts jeans rasgado e desfiado de cintura alta, muito em moda naqueles anos 90. A mini blusa de alcinha também mostrava um pouco da barriga e os braços com algumas tatuagens de coração.

Acabou aceitando as explicações de sua advogada, também com pouco mais de 20 anos de idade, mas vestida como uma senhora, de saia preta e camisa branca. A doutorinha lhe explicou que no fórum as roupas precisavam cobrir o corpo. Aninha achou estranho, porque foi chamada naquele lugar para dizer a verdade e entendia que sua roupa também era sua verdade.

Entrou no prédio antigo, que se parecia com uma igreja, localizado na avenida Aquidaban, em Campinas. A testemunha, embrulhada com a saia verde musgo amarrotada e a echarpe amarela, aguardava a sua amiga Raquel, sentindo uma atmosfera religiosa, com seu corpo escondido.

Lembrou-se do motivo porque estava ali e passou a transpirar naquele clima de emoções. Pensou na raiva que sentiu ao entender o que se passava na empresa em que trabalhavam. Lembrou do medo e de sua revolta ao ver, em suas memórias, o supervisor, recém contratado, dizendo aos gritos que não chamaria ninguém pelo nome fantasia e que não aceitaria que homens trabalhassem no meio das mulheres, porque não saberiam fazer as coisas com delicadezas. Todas as meninas do setor se assustaram com as falas do novo chefe, que exigiu que Raquel, uma mulher aos olhos de todos, fosse retirada da sala e levada para trabalhar no descarregamento de cargas.

Essa cena voltou à cabeça da Aninha, a pedido da doutora, pois era sobre isso que o juiz queria saber.

Neste dia, todos ficaram sabendo que Raquel tinha no RG o nome de Wagner, porque o novo supervisor resolveu expor seus preconceitos.

A Raquel estava trabalhando há quase um ano e ninguém desconfiava da sua feminilidade. Algumas mulheres do setor se sentiram traídas e, contaminadas pelo veneno da intolerância, fizeram um abaixo-assinado para que o banheiro feminino não

fosse utilizado por ela, que também não podia usar o banheiro masculino, porque tinha medo de sofrer abusos.

Os homens do setor para onde ela foi transferida também passaram a discriminá-la. Raquel não aguentou toda a situação e pediu demissão. Aninha se revoltou e também pediu pra sair

Nunca mais tinha visto sua antiga colega de trabalho. Estava alí porque recebeu a carta da advogada para testemunhar e esperava reencontrar sua amiga alegre, de longos cabelos ruivos cacheados.

Assustou-se ao ver quando a advogada foi receber o Wagner. Ela estava de cabelos curtos, escuros e semblante muito triste. A alegria que lhe era comum não estava presente naquele dia e quase não reconheceu sua amiga, usando uma camiseta larga, numa evidente tentativa de esconder seus peitos de mulher.

Não deu tempo de se falarem, pois assim que entrou no prédio estavam chamando pelo seu nome oficial: Wagner.

Ele entrou na sala. As pessoas olharam para o reclamante e a juíza perguntou para a doutora onde estava o Wagner. Ele ouviu quando o secretário de audiência falou: “doutora, é espólio?, cadê o reclamante?”

A advogada respondeu que estava a seu lado e então a juíza pediu que se sentasse numa cadeira à sua frente para lhe fazer as perguntas. Começou indagando como gostaria de ser chamado e, num suspiro disse: por favor, me chame de Raquel.

Sensível, a juíza entendeu o que estava acontecendo. Fez as perguntas necessárias para poder julgar o processo. Depois ouviu o representante da empresa e chamou a Aninha, que entrou com seu uniforme verde e amarelo para esconder seu corpo.

A juíza deixou a Aninha contar com detalhes toda a história, falando com indignação pelo sofrimento testemunhado. Contou que Raquel era amiga de todas as mulheres do setor, usava o banheiro feminino e nunca tinha desrespeitado qualquer pessoa. Que ela sim tinha sofrido o desrespeito do novo supervisor, que era autoritário e preconceituoso e expôs a intimidade de sua colega de trabalho de forma humilhante. A audiência foi muito tensa, o advogado da empresa queria impugnar o testemunho da Aninha, mas a juíza a deixou falar como se estivesse em casa, apesar daquela roupa ridícula que foi obrigada a colocar.

Na saída do fórum, Raquel, chorando, abraçou sua amiga e agradeceu pela sinceridade. A advogada lhe falou algumas palavras de esperança.

Aninha deixou os panos com o guarda e foi embora pensando na dor dessas pessoas.

Algum tempo depois soube que Raquel-Wagner ganhou o processo.

Na sentença a juíza reconheceu a dor moral sofrida, disse que não poderia haver tal discriminação da empresa e reconheceu todos os direitos pedidos.

Pensou que aquele lugar era mesmo um templo da justiça.

Cristiane Montenegro Rondelli

Juíza do Trabalho